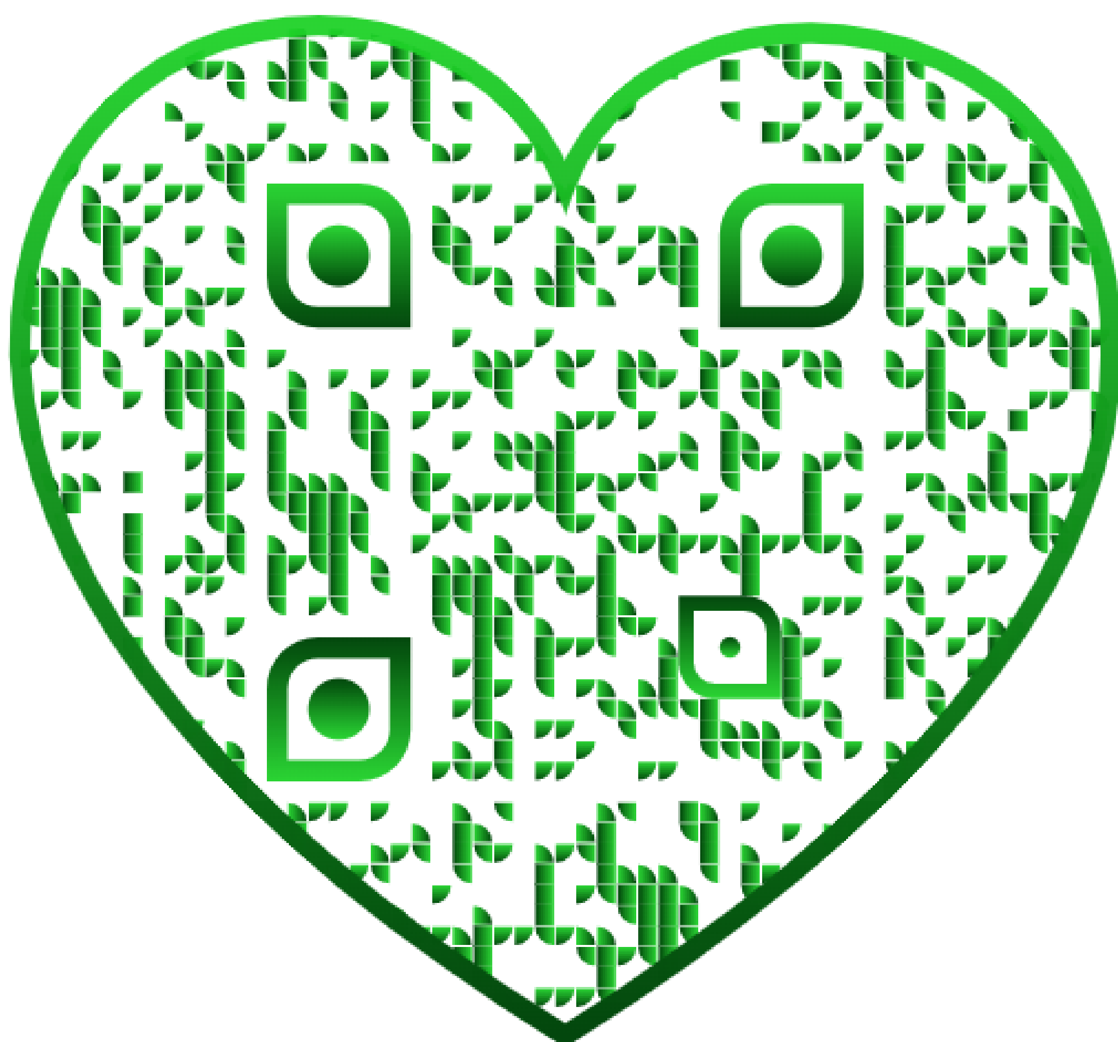
LENDAS URBANAS

PARA CRIANÇAS



BATUTA RIBEIRO

LHR



Lendas urbanas para crianças

Batuta Ribeiro

LHR Editora

Desenho da capa: Hekkoto

Índice

A loira do banheiro
Maria Sangrenta
Corpo-seco
O velho do saco
O chupa-cabra
O monstro do guarda-roupa
A passageira do táxi
A maldição do vídeo-game
O espírito da babá
A mulher da tesoura
A boneca enfeitiçada
O menino verde
O bicho papão
O jogo do compasso
O roubo do rim
Correndo com a faca
O assassino no banco detrás
O monstro do diabete
O menino e o médico
Zumbi do celular
O escorpião e o sapo

Valéria não se parece nada com as bruxas que passam nos filmes de terror. Ela não usa chapéu pontudo, não tem nariz grande e nem verrugas pelo rosto – nada disso. Ela é uma jovem de cabelos ruivos, pele branca e olhos azuis – linda de morrer.

Como ninguém consegue viver de bruxaria no Brasil, Valéria formou-se em pedagogia e foi ser professora.

Ela dá aulas para uma classe de alunos na faixa de dez a onze anos. Na sala de aula, ou mesmo no recreio, Valéria passa lições de moral para seus alunos através de... LENDAS URBANAS!

A loira do banheiro

Em vez de voltar para a sala depois do recreio, Ritinha decidiu se esconder no banheiro para matar aula.

Valéria deu pela falta da aluna e perguntou para os alunos o que tinha acontecido com Ritinha. Uma aluna dedurou que ela estava no banheiro.

A bruxa saiu da sala e foi ao toalete feminino. Lá encontrou Ritinha escondida em uma das cabines.

— Você acha legal matar aula se escondendo no banheiro? – perguntou Valéria para Ritinha – então vou lhe contar sobre Talita...

Talita não gostava de estudar. Sempre dava um jeito de escapulir da sala e ir para o banheiro matar aula.

Um dia, Talita matou aula, e foi se esconder no banheiro. Ela estava bem quietinha dentro de uma cabine, quando:

POW!

— Que barulho foi esse?

Ela abriu a portinha da cabine para ver o que tinha acontecido…

— Meu Deus!

No espelho ela viu o reflexo da loira do banheiro – uma garota de pele pálida, com olhos arroxeados, algodão no nariz, e um vestido branco e rasgado.

A loira tirou o algodão de suas narinas, e o sangue escorreu de seu nariz.

— Ahhh!

Talita fechou a portinha, e ficou encolhida no canto da cabine, morrendo de medo. A loira entrou na cabine pelo vão que há debaixo da portinha.

— Por favor, não me mate! – gritou Talita.

E a loira respondeu:

— Não vou te matar, apenas vou te levar para junto dos outros alunos que matam aula.

Após dizer isso, a loira apertou o botão da descarga, e Talita foi tragada para dentro – credo – para dentro da privada cheia de xixi.

Todo aluno que mata aula, é tragado para dentro da privada pela loira do banheiro.

Maria Sangrenta

Durante a aula, Valéria notou que Helena não parava de se vislumbrar em seu espelhinho.

— Você se acha muito bonita, não é mesmo, Helena? – perguntou Valéria.

— Claro, professora! Ainda serei uma modelo muito famosa, pois eu sou linda, bonita, maravilhosa... – se envaideceu Helena, sem tirar os olhos do espelhinho.

— Ah, Helena, você me faz lembrar de Maria, minha amiga do colégio...

O sonho de Maria era ser uma modelo internacional e desfilar nas passarelas do mundo inteiro.

Não era difícil encontrá-la em frente ao espelho, arrumando os cabelos, retocando a maquiagem, e principalmente, admirando a própria beleza.

Se estivesse andando pelas ruas, ela parava em qualquer lugar que houvesse um vidro para ver seu reflexo.

— Eu sou muito linda! Sou uma princesa que saiu de algum conto de fadas – se declarava para si mesma.

Quando encontrava com suas amiguinhas, ela brincava:

— Procurei beleza no dicionário, e na definição eu vi escrito o meu nome.

Maria fez sua mãe comprar um espelho oval, bem grande e bonito.

A garota passava horas se admirando naquele espelho.

Maria ficou tão envaidecida de si mesma, que um dia, ao se admirar no espelho, ela foi se aproximando de sua imagem, se aproximando, se aproximando... Até que:

PLÁFT!

Caiu em cima do espelho... Com o baque, o espelho se quebrou, e os estilhaços cortaram o rosto de Maria.

Ao ver o seu rosto desfigurado, feio e sangrando, Maria enlouqueceu. Ela pegou um pedaço do espelho quebrado e cortou os próprios pulsos.

Ela morreu, mas decidiu se vingar de todas as garotas bonitas que ficam se admirando diante do espelho. Se uma garota bonita ficar mais de três minutos se olhando no espelho, Maria aparece no reflexo e desfigura todo o rostinho lindo da garota.

Corpo-seco

Valéria estava chegando à escola quando viu seu aluno, Luan, brigando com a mãe. Valéria ficou observando de longe. O menino queria dinheiro para comprar lanche, mas a mãe disse que não tinha dinheiro.

Além de xingar a mãe, o menino passou a dar tapas no braço dela.

No começo da aula, Valéria perguntou:

— Crianças, já ouviram falar do corpo-seco?

A maioria disse que 'não', mas Luan ergueu o braço, e disse:

— O corpo-seco tem unhas grandes, e fica na floresta, e pula nas costas das pessoas para matá-las.

— E você sabe de onde vem o corpo-seco?

— Não, professora.

— Pois eu vou lhe dizer, Luan, vou lhe dizer de onde vem o corpo-seco…

Era uma vez um menino chamado Mauricio. Ele era um menino muito levado, muito arteiro, e malcriado.

Um dia, antes de ir para a escola, ele pediu dinheiro para sua mãe, pois queria comprar um álbum de figurinhas. A mãe disse que não tinha dinheiro. Mauricio ficou bravo, mas tão bravo, que ele deu um tapa bem forte em sua mãe.

No dia seguinte, Mauricio acordou, olhou para sua mão e:

— Ahhh! O que é isso? Minha mão está seca!

Ele mostrou a mão seca para sua mãe. Na mesma hora, a mãe levou Mauricio para o hospital. Fizeram exames de todos os tipos, tiraram radiografias, mas o médico não descobriu a causa da mão seca.

E cada dia que passava, Mauricio ficava mais magro, e ele foi ficando magro, magro, magrinho... Até que se transformou em um corpo seco.

Envergonhada por ter um filho tão seco, a mãe levou Mauricio para uma floresta e o abandonou perto de uma arvore.

É isso o que acontece com o filho que bate em mãe: vira um corpo-seco.

O velho do saco

— Quem obedece o papai e a mamãe? – perguntou a bruxa Valéria para seus alunos.

Todos levantaram as mãos.

— Que bom, turma! Isso é muito bom. Pena que Pedrinho não obedecia seus pais.

— Quem é Pedrinho? – perguntou um dos alunos.

Pedrinho não parava quieto. Sempre estava fazendo bagunça, respondendo aos pais e desobedecendo suas ordens.

Ele não gostava de fazer a tarefa escolar, saía de casa para brincar com os amiguinhos sem avisar os pais, estava sempre aprontando travessuras.

Em uma manhã de sábado, a mãe de Pedrinho foi ao mercado, e antes de sair, pediu ao filho:

— Não abra a porta para ninguém! Entendeu? Para ninguém!

Infelizmente, o que a mãe pediu entrou por um ouvido e saiu por outro.

Pedrinho escutou a campainha tocando e foi correndo abrir a porta. Quem tocou a campainha foi o velho do saco.

— Menino, sua mãe está em casa? – perguntou o velho.

— Não, ela foi ao mercado.

— Abra o portão e vem cá, tenho algo para lhe dar, está dentro do meu saco.

Pedrinho ficou ressabiado.

— Não sei, minha mãe falou para não aceitar coisas de estranhos.

— Sério? É uma pena! Acho que terei que encontrar outra criança que aceite os meus chocolates.

— Chocolates?

— Sim, tenho um monte de chocolates aqui no meu saco. Mas já que você não quer...

— Quero sim!

Pedrinho abriu o portão. O velho abriu o saco e mostrou para Pedrinho. Assim que o menino foi olhar dentro do saco...

PUFT

O velho jogou Pedrinho dentro do saco.

Ninguém sabe para onde o velho do saco levou Pedrinho, e o que aconteceu com ele. O certo é que Pedrinho nunca mais voltou para a casa.

E todo filho desobediente tem o mesmo fim que Pedrinho: é levado pelo velho do saco.

O chupa-cabra

Fernando trouxe um estilingue para a escola e ficou exibindo sua pontaria para os colegas.

— Acho bom que você não fique por aí matando passarinhos! – falou Valéria ao ver o estilingue.

— Claro que não, professora! – mentiu Fernando, pois ele gostava de matar passarinhos.

— Certo, Fernando, pois não quero que aconteça a você, o que aconteceu com o Joaquim...

Joaquim era um menino que vagava pela floresta a procura de passarinhos, ou qualquer outro animal que pudesse acertar com seu estilingue. Quando acertava em cheio um passarinho, ele vibrava como se tivesse feito um gol de futebol.

O que Joaquim mais gostava era de matar passarinhos no ninho, para depois quebrar os ovinhos.

Certa vez, Joaquim andava pela floresta procurando por um ninho de passarinhos. Ele avistou um no alto da árvore. Ajeitou a pedra, mirou e...

RAWWW

— Que barulho foi esse?

Joaquim olhou para trás e viu o chupa-cabra! Uma criatura com chifres nas costas, olhos vermelhos, e uma boca enorme com dentes grandes e afiados.

Joaquim saiu correndo. Pobre menino, suas perninhas não eram tão velozes... Quando o chupa-cabra alcançou Joaquim – NHAC – Engoliu o menino por inteiro!

É por isso que a lenda conta que o chupa-cabra come meninos que caçam passarinhos.

O monstro do guarda-roupa

— Turma, quem deixa o guarda-roupa arrumadinho, tudo bem dobradinho e bonito?

Vários alunos levantaram a mão, e teve alguns meninos que ficaram de braços cruzados. Valéria olhou para eles, e comentou:

— Vocês não devem conhecer o monstro do guarda-roupa...

— Monstro do guarda-roupa? – perguntaram eles.

— Sim, o monstro do guarda-roupa – respondeu a bruxa com um sorriso, e contou a seguinte história:

Por mais que sua mãe pedisse, Joãozinho não arrumava o guarda-roupa. Ele misturava as camisetas sujas com as lavadas. Quando ia pegar uma bermuda, desarrumava todas as roupas dobradas que estavam por cima.

Seu guarda-roupa era uma tremenda bagunça.

Naquela noite, Joãozinho acordou com barulhos estranhos. Acendeu a luz e olhou seu quarto. Percebeu que os barulhos estavam vindo do guarda-roupa.

Joãozinho abriu a porta do guarda-roupa. Algo estava se mexendo por debaixo das roupas amontoadas. Ele foi tirando peça por peça de roupa até descobrir… Um monstro! Esse tinha corpo de cobra e cabeça de jacaré.

O monstro se enrolou em Joãozinho e apertou ele… Apertou, apertou e apertou… Apertou até – CRACK – esmagar todos seus ossinhos, por fim – CRUNCH – o monstro devorou Joãozinho.

Deixem o guarda-roupa bem arrumado, pois o monstro do guarda-roupa gosta de se esconder entre roupas desarrumadas.

A passageira do táxi

A bruxa Valéria perguntou para a classe:

— Todo mundo já pensou no que vai ser quando crescer?

Cada um foi falando o seu sonho: advogado, bombeiro, policial, jogador de futebol, médico, lutador...

— Só lembrem de uma coisa, crianças: trabalhar é bom, mas trabalhar demais pode ser perigoso. Vocês não querem acabar como o esposo de uma amiga minha. Que Deus o tenha...

Apesar da boa condição financeira, Adauto era um taxista que gostava de trabalhar até altas horas. Sua esposa pedia para ele terminar o expediente cedo, pois de noite era perigoso.

Adauto respondia:

— É de noite que eu ganho mais. Eu posso cobrar o dobro pela corrida depois das sete da noite.

Era quase meia noite daquela sexta-feira. Adauto estava passando pela rua do cemitério quando avistou uma jovem muito bonita e elegante. Ela deu sinal e Adauto parou.

A moça entrou no táxi e falou o endereço. Quando chegaram, Adauto disse o valor da corrida, e a moça respondeu:

— Por favor, espere que eu vou pegar o dinheiro com meus pais.

Adauto ficou esperando cinco, dez... Quinze minutos! Ele desceu do táxi e apertou a campainha da casa.

Saiu um homem, e perguntou o que Adauto queria.

— A moça disse que ia pegar o dinheiro e até agora não voltou – falou o taxista.

— Que moça?

Adauto deu a descrição da moça para o homem.

— Venha comigo – pediu ele para Adauto.

Adauto entrou na sala e o homem apontou para um foto.

— É aquela moça?

— Ela mesma.

— Pois bem, ela é Solange, minha filha. Faz cinco anos que ela morreu.

— Meu senhor, se não quer me pagar, é só dizer. Não precisa mentir que sua filha morreu, eu sei muito bem que ela deve estar escondida em alguma lugar desta casa.

O homem foi até o armário do telefone, puxou uma gaveta e pegou uma nota de cinqüenta reais.

— Tome, fique com o troco.

Adauto agradeceu e saiu. Entrou no carro e foi embora.

Ele se aproximava do farol, quando viu Solange no retrovisor. Assustado, ele se virou, mas não havia ninguém no banco traseiro. Ao voltar sua atenção para frente, ele percebeu que tinha passado o sinal vermelho.

POW! O ônibus acertou em cheio o taxi, e Adauto morreu.

Por isso que eu sempre digo: não compensa correr riscos por causa da ganância.

A maldição do vídeo-game

— Por que não fez a tarefa? – perguntou Valéria para Leandro.

— Desculpe, professora, fiquei ajudando minha mãe na arrumação da casa.

— Ajudando a sua mãe na arrumação da casa, é?

— Sim, senhora.

A bruxa olhou bem para ele, e perguntou.

— Diga a verdade, você ficou jogando vídeo-game em vez de fazer a tarefa?

— Não, senhora. Eu nem tenho vídeo-game.

— Ainda bem – disse Valéria – pois se tivesse, teria que tomar muito cuidado. Sabe o que acontece com meninos que ficam jogando muito vídeo-game?

— O quê?

— Deixa eu lhe contar o que aconteceu com os irmãos Jorge e Henrique.

Todos os dias, ao chegarem da escola, Jorge e Henrique corriam para o quarto, ligavam a TV e começavam a jogar vídeo-game. Passavam a tarde jogando.

Vendo que os filhos não estavam aproveitando a infância, a mãe os obrigou a jogar vídeo-game apenas uma hora por dia.

Henrique aceitou. Ele parou de jogar e convidou seu irmão para irem jogar bola no campinho.

— Vai sozinho, eu só saio daqui quando terminar este jogo – disse Jorge.

— Mas a mãe falou pra gente jogar uma hora por dia.

— Ah, ela nem está em casa. Vou fechar a porta e ficar jogando quietinho.

Henrique foi brincar enquanto seu irmão ficou jogando.

A concentração de Jorge no vídeo-game era tanta, que ele nem piscava.

Cinco horas depois, Henrique voltou para a casa, entrou no quarto e viu seu irmão sentado diante da TV – na tela estava escrito: GAME OVER.

— Conseguiu terminar o jogo? – perguntou Henrique.

Jorge balançou a cabeça negativamente.

— O que aconteceu?

Jorge virou a cabeça – seus olhos estavam caídos sobre as bochechas.

Cuidado, crianças! Quem joga muito vídeo-game fica com os olhos saltados para fora.

O espírito da babá

Valéria estava passando pelo corredor quando ouviu um grupo de amigos conversando sobre babás. Uma das meninas estava dizendo que não suportava a babá dela, que ela era muito chata e coisa tal.

A bruxa entrou na conversa, contando a seguinte história:

Os pais contrataram Renata para cuidar de seus dois filhos enquanto estivessem fora durante a noite.

Renata era uma mocinha jovem, educada, de voz baixa, angelical. Heitor e Nael, no entanto, eram crianças bagunceiras e mal educadas.

Quando Renata ficou sozinha com as crianças, o inferno começou. Os dois meninos começaram a pular em cima do sofá, a derrubar vasos, quebrar pratos na cozinha, correr pela casa... E a pobre Renata não conseguia impor a sua autoridade de babá.

— Fiquem quietinhos, por favor! Se vocês me obedecerem, eu deixo vocês comerem sorvetes – prometia Renata, mas Heitor e Nael a xingavam, e se divertiam dando chutes nas pernas da mocinha.

Quando os pais chegaram, e foram pagar Renata, os meninos mostraram marcas em seus braços (que eles mesmos fizeram) e disseram que a babá tinha batido neles.

Além de não pagarem Renata, os pais ligaram para a policia. Levaram a mocinha presa por bater nas crianças.

Na cadeia, ao saberem do crime de Renata, suas colegas de cela a enforcaram durante a noite.

O espírito vingativo de Renata não demorou em visitar o quarto de Heitor e Nael. Eles dormiam que nem anjinho, quando Renata chegou.

Ela acendeu a luz, e disse:

— Acordem, crianças! É hora do pesadelo!

Os pais de Heitor e Nael acordaram com os gritos dos filhos. Correram até o quarto, e acharam as duas crianças mortas em cima da cama.

É sempre assim, quando uma criança desobedece sua babá, ela é morta pelo espírito vingativo de Renata, que não gosta de crianças malcriadas.

A mulher da tesoura

Já que não gostava das conversas corriqueiras na sala dos professores, a professora Valéria passeava pela escola durante o recreio.

Ela parou para ver os meninos jogando bola, e ficou horrorizada com os xingamentos que eles diziam durante a partida. Não só durante a brincadeira, mas, em qualquer lugar, os alunos estavam dizendo palavrões.

Depois do recreio, na sala de aula, Valéria perguntou:

— Alguém já ouviu falar da ‘mulher da tesoura’?

Ninguém na sala tinha ouvido falar.

— Pois bem, meninos e meninas! Vou contar sobre a mulher da tesoura para vocês...

Caio gostava de dizer palavrões. Gostava de mandar seus amiguinhos “tomar no cu”, dizia para os professores “vai se foder”, chamava quem não gostava de “bosta”.

Também respondia de forma grosseira para seus pais.

Mas, tudo mudou depois que ele chamou sua mãe de “filha da puta”.

No dia seguinte, Caio estava voltando da escola, quando foi abordado por uma estranha mulher que segurava uma tesoura de ferro enferrujada.

Ela disse para Caio:

— Sua mãe me pediu para lhe dar um chocolate.

E dizendo isso, ela mostrou uma deliciosa barra de chocolate, que fez os olhos de Caio brilharem.

— Você quer? – perguntou a mulher.

— Quero!

— Então coloque a língua para fora e feche os olhos.

Caio fechou os olhos e colocou a língua para fora. Em vez de lhe dar a barra de chocolate, a mulher pegou a tesoura enferrujada e – ZAP! – cortou a língua do menino.

Depois daquele dia, Caio nunca mais falou palavrões ou respondeu para seus pais.

Por isso que eu digo: toda criança que xinga os pais tem a língua cortada pela mulher da tesoura.

A boneca enfeitiçada

Na hora do recreio, duas meninas estavam brigando, pois uma não queria emprestar a boneca para a outra brincar. Observando aquela briga, Valéria aproximou-se e pegou a boneca.

— De quem é a boneca?

— É minha! – disse Alice.

— Por que você não quer emprestar a boneca para sua amiguinha?

— Ela vai estragar!

— Não vou! – protestou Julia.

— A Julia já estragou sua boneca alguma vez?

— Não – respondeu Alice.

— Então como sabe que ela vai estragar a sua boneca?

— A boneca é minha! – respondeu Alice, apertando a boneca contra o peito.

— Conheci uma menina que também não gostava de emprestar sua boneca. O nome dessa menina era Débora. Ela gostava tanto de sua boneca, mas tanto, que acabou acontecendo algo muito estranho – a boneca ganhou vida.

Alice e Julia arregalaram os olhos. E a bruxa contou mais sobre a história de Débora.

Jamile era uma linda boneca – cabelos loiros, pele de porcelana, olhos grandes – Débora não desgrudava dela por nada. Em vez de sair e brincar com suas irmãs, ela passava o tempo escovando os cabelos da boneca, brincando de chá, e trocando as roupinhas dela.

Débora não conseguia dormir se não estivesse abraçada com Jamile.

Um dia, a irmã de Débora pegou Jamile para brincar. Quando Débora viu, encheu-se de raiva – tirou a boneca da irmã e ainda lhe deu um tapa.

Ao saber da briga, a mãe pegou Jamile e a colocou dentro de um baú.

— Eu só devolvo a boneca quando prometer que vai deixar suas irmãs brincar com ela.

— Não! Jamile é só minha! – bradou Débora.

— Então acostume a ficar sem ela. Se você tirar a boneca do baú, vai ficar de castigo no seu quarto.

Na manhã do dia seguinte, a mãe entrou no quarto de Débora para acordá-la, e viu a boneca em cima da cama da filha. A mãe acordou a filha e perguntou o que a boneca estava fazendo ali.

— Eu juro que não peguei, mãe! – disse a menina.

— Jura, é? Então quem pegou?

— Não sei.

— Quer dizer que a boneca saiu do baú e veio andando até a sua cama?

— Acho que foi uma de minhas irmãs.

— E por que elas fariam isso?

— Para você me castigar.

— Não diga bobagens, Débora! Dessa vez passa, mas na próxima o castigo é certo.

A mãe pegou a boneca e a guardou no baú, novamente.

De tarde, Débora estava lendo um livro no quarto, quando escutou uma voz baixinha chamando o seu nome. Ela abaixou o livro e viu Jamile na porta do quarto. Débora pegou a boneca, e se perguntou como ela veio parar ali, pois suas irmãs não estavam em casa.

Débora foi até a cozinha, e disse para a mãe:

— Jamile apareceu no meu quarto, eu juro que não tirei ela do baú!

Inconformada, a mãe pegou a boneca de Débora, e respondeu:

— Filha, o que eu lhe disse? Vai já pro seu quarto, está de castigo!

Mais tarde naquele dia, Débora estava de castigo no quarto, quando alguém bateu na porta – TOC! TOC! TOC! – Débora abriu a porta, mas não viu ninguém, ela então olhou para baixo e viu... Sim, ela viu Jamile. Sem pensar duas vezes, Débora pegou a boneca e a levou até o baú – antes de jogar Jamile dentro do baú, ela ouviu uma voz fina vindo da boneca, dizendo:

— Por favor, não me jogue no baú. É muito escuro aí dentro!

— Meu Deus, você fala? – perguntou Débora.

— O seu amor me deu vida.

— Que legal, minha mãe não vai acreditar!

— Não! – gritou Jamile – não percebe que sua mãe quer nos separar? Ela nunca vai deixar a gente brincar juntas.

— Minha mãe quer que eu empreste você para minhas irmãs.

— Suas irmãs são más! Elas vão me sujar, cortar meus cabelos e furar os meus olhos.

— Isso não!

— Só tem um jeito de ficarmos juntas.

— Como?

— Matando sua mãe.

— Não! De jeito nenhum.

Débora jogou Jamile dentro do baú e correu para a cozinha.

— Mãe, Jamile quer matar a senhora! – disse a menina, quase chorando.

— Ai, meu Deus! Estou perdendo a paciência – gritou a mãe – volte para seu quarto! Se sair novamente, eu vou bater de cinto em você.

Contrariada, Débora voltou para o quarto. Deitou-se na cama e se cobriu com o edredom. Adormeceu. Foi acordada pela voz de Jamile:

— Acorde, Débora! Acorde!

Débora tirou o edredom do rosto e viu Jamile toda ensangüentada, ela ergueu a cabeça de sua mãe, e disse:

— Agora podemos ficar juntas!

Diz a lenda que a menina que não divide sua boneca com irmãs ou amigas, faz com que a boneca seja possuída por um espírito ruim.

O menino verde

Entrou um novo aluno na classe onde Valéria dava aulas. O nome dele era Fabrício. O menino tinha uma deficiência nas pernas que fazia com que ele andasse de uma maneira desajeitada.

Quando foi apresentá-lo para a turma, a professora falou:

— Este é Fabrício, ele vai estudar com a gente. Quero que vocês o acolham bem. E antes que os mais engraçadinhos lá do fundo pense em tirar onda do novo aluno, tenho uma historinha para contar. Esta historinha se chama...

Todos os alunos da escola ficaram surpresos quando Vitor veio para seu primeiro dia de aula. Quem não ficaria surpreso com um garoto “verde”?

Sim, a pele de Vitor era verde. E ninguém se aproximou do garotinho para lhe perguntar o porquê de sua pele ser verde.

Aliás, ninguém se aproximava de Vitor. Todos tinham medo, afinal... Ele era verde.

Vitor não fazia amigos, ninguém conversava com ele, ninguém sentava perto dele. Vivia triste e isolado.

Se não bastasse isso, os grandões da escola deram de azucrinar a vida do pobre menino. Um dia, na hora do recreio, os meninos encheram bexigas com água e farinha de trigo. Cercaram Vitor em um canto e fizeram dele alvo para suas bexigas. O menino, que era verde, ficou branco – e todos deram risadas dele.

No dia seguinte, todos aqueles que tinham atirado bexigas em Vitor, ficaram verdes. E nenhum deles foi para a escola, pois tinham medo de serem alvos de brincadeiras.

Lembre-se disso: aquilo que você zomba nos outros, pode acabar acontecendo com você.

O bicho papão

Enquanto Valéria explicava as operações matemáticas, Juliano abriu a boca de sono. A bruxa parou a aula, e perguntou:

— Não dormiu bem, Juliano?

— Fiquei até tarde assistindo TV, professora.

— Ficou até tarde da noite assistindo TV? – assustou-se Valéria.

— Foi.

— Você é muito corajoso, Juliano.

— Mas por que, professora?

— Crianças que ficam acordadas até tarde da noite, são atacas por ele, pelo terrível...

Bruno ficava até tarde assistindo TV, e só ia dormir depois das onze horas da noite.

Teve uma noite que ele foi dormir depois da meia noite. Ele deitou-se na cama, puxou a coberta e fechou os olhos.

Neste instante, ele ouviu...

RONNN! RONNN! RONNN!

Tinha alguém roncando no quarto. Bruno levantou-se e acendeu a luz. Não havia ninguém no quarto, mas o ronco continuava, e estava vindo de debaixo da cama.

Bruno se agachou para espiar debaixo da cama, quando ele ergueu a coberta...

RAAARRR!

O bicho-papão atacou Bruno.

Como diz o velho ditado: criança que dorme tarde da noite, acaba dormindo na barriga do bicho-papão.

O jogo do compasso

Ao entrar na sala dos professores, Valéria deu pela falta de sua caixa de giz. Ela voltou para a sala. Quando entrou, flagrou quatro alunos fazendo a brincadeira do compasso. Eles tentaram esconder o compasso e a filha de papel, mas Valéria aproximou-se, e disse:

— Eu sei o que vocês estavam fazendo. Estavam tentando se comunicar com espíritos. Tudo bem, eu também já brinquei com os espíritos quando era pequena.

— Verdade, professora? – perguntou Henrique.

— Verdade, todos os dias, eu e minhas colegas de classe fazíamos a brincadeira do compasso durante o recreio.

— E o compasso se mexia sozinho? – perguntou Luan.

— Sim, claro que se mexia. Só que tivemos que parar com a brincadeira depois do que aconteceu com Laura.

— O que aconteceu?

— É, conta pra gente!

— Melhor não, é algo que vocês não vão querer saber.

— Por favor, professora!

Com a insistência, a bruxa contou o que aconteceu com Laura...

Laura sempre foi muito ousada. Não tinha medo do professor, não tinha medo do diretor da escola, não tinha medo de levar castigo... Era uma garota sem medo.

E quando Flávia nos ensinou a brincadeira do compasso, Laura foi a única que não mostrou nenhum receio em fazer perguntas para os espíritos.

A gente fazia a brincadeira do copo durante o recreio. Éramos quatro amigas. Pra nós, era pura e simplesmente uma diversão – fazíamos perguntas inocentes, do tipo de “quem gosta de quem”, “quem vai ficar com quem”.

Só que Laura começou a fazer perguntas pesadas. Começou a perguntar quando os pais dela iriam morrer, quando o mundo iria acabar, essas coisas. Ela também passou a provocar os espíritos. Pedia a eles para mexer algum objeto, perguntava se o espírito foi uma pessoa boa ou ruim quando estava viva.

A fatalidade aconteceu no dia em que Laura perguntou o dia em que iria morrer. O compasso não se mexeu, e Laura deu risadas, dizendo:

— Espírito burro, não sabe de nada! Volta para o inferno, seu burro!

O compasso começou a se mexer sozinho, sem ninguém botar o dedo. Pela primeira vez, vi Laura com o semblante preocupado. Ela ficou quieta o restante da aula.

A gente sempre ia embora juntas, mas, naquele dia, Laura saiu na minha frente. Ela parecia estranha, pois andava de cabeça baixa em direção a rua. Eu corri atrás de Laura para impedi-la de entrar na rua, só que... Só que não consegui. Tive de ver minha amiga ser atropelada pelo ônibus escolar. Até hoje, tenho a impressão de que algum espírito ruim baixou em Laura e a fez cometer suicídio.

É por causa disso que eu não brinco com espíritos.

O roubo do rim

Na aula, a professora Valéria explicava para as crianças o perigo de aceitar coisas de pessoas estranhas. Para ilustrar o perigo, a bruxa contou a seguinte história:

Laís era uma menina inocente de doze anos. Bem educada, e sensível. Porém, sua ingenuidade lhe custou caro.

Não faltaram avisos de seus pais:

— Nunca aceite coisas de gente estranha. Não converse com pessoas estranhas.

Mas Laís tinha o péssimo costume de acreditar que já era grande o suficiente para saber quem era bom e quem era ruim.

Ela fazia aulas de violão na casa de sua professora. E voltava sozinha a pé para a casa. Foi nessa caminhada de volta para a casa que ela topou com uma mulher, que dizia ser caçadora de talentos.

A mulher, ao ver o violão de Laís, perguntou se ela tocava bem o instrumento.

— Sim, eu estou tocando muito bem – respondeu a menina.

Usando de simpatia e um bom sorriso, a mulher convenceu Laís a ir até seu estúdio para lhe fazer uma demonstração.

Laís achou que seria a grande oportunidade de sua vida, e entrou no carro da mulher estranha.

Não se sabe o que aconteceu depois, o que eu sei é que encontraram Laís dentro de um apartamento abandonado, bem longe do centro da cidade. Ela estava dentro de uma banheira cheia de gelo. Em suas costas havia um corte cheio de pontos. Sabem o que fizeram com Laís? Eles arrancaram seus rins. Por que a colocaram em uma banheira cheia de gelo? Para diminuir a circulação do sangue, e aumentar o tempo de sobrevida de Laís até chegar o socorro médico.

Por aceitar entrar em um carro de gente estranha, Laís quase morreu, e tem que fazer hemodiálise para viver.

Correndo com a faca

Quando dava o sinal para o recreio, os alunos saíam correndo da sala. E sempre tinha aquela competição infantil de “ver quem era o primeiro a chegar em primeiro lugar”, e também de dizer “o último a chegar é mulher do padre”.

Irritada por ver as crianças se atropelando e fazendo aquela algazarra de correria, Valéria contou a lenda urbana do...

Para onde quer que fosse, Daniel ia correndo. Suas perninhas estavam sempre no pique. Para ir ao banheiro, para ir ao quarto, para almoçar, para qualquer lugar... Mesmo na rua, ele gostava de correr.

Sua mãe não agüentava mais dizer:

— Daniel, não corra! Daniel, vá devagar! Sem correr! É perigoso.

Mas Daniel gostava de chegar na frente, gostava de competir com seus amigos, e debochar deles quando ganhava.

Em uma manhã de domingo, Daniel estava sozinho em casa. Ele foi até a cozinha tomar café. Pegou uma faca para cortar o pão caseiro. A campainha tocou, e como de costume, Daniel saiu correndo para atender a porta – saiu correndo com a faca na mão. A poucos metros de chegar a porta, ele tropeçou no tapete e caiu por cima da faca – CRASH – a faca cravou direitinho em seu coração – e essa foi a última corrida do menino Daniel.

Um bom conselho, crianças: não corra se não for preciso.

O assassino no banco detrás

As crianças tinham medo do zelador da escola por ele ter uma aparência desagradável e ser cocho de uma perna.

Valéria não gostou nada ao ouvir seus alunos dizendo que Seu Everaldo era um homem mal e que raptava alunos desobedientes. E diziam isso só por causa de sua aparência “assustadora”.

Na sala de aula, antes de começar a matéria, a bruxa falou:

— Julgar os outros é muito feio. E julgar os outros pela aparência é mais feio ainda. Quando forem julgar alguém pela aparência, lembrem-se desta história:

Era tarde da noite. Estava chovendo e relampeando. Solange dirigia seu carro pela estrada. Ela estava sozinha.

No painel da direção, uma luzinha indicava que a gasolina estava acabando. Ela precisava abastecer.

Por sorte, Solange viu ao longe um letreiro de posto de combustível. A mulher respirou aliviada.

O posto era pequeno e tinha aspecto de abandonado. Não havia nenhum frentista perto da bomba. Aliás, parecia não haver nenhuma alma viva naquele posto, apenas as luzes acesas indicavam que o posto estava funcionando.

Solange apertou a buzina. Não demorou para aparecer um frentista. Ao ver o homem – AH! – Solange tomou um susto, e no mesmo instante teve vontade de arrancar com o carro – o frentista não tinha uma aparência nada simpática – era um homem grande, cheio de tatuagens pelos braços. Tinha uma barba desgrenhada, cheia de falhas. Seu olho esquerdo era branco, e sua testa era marcada por cicatrizes.

— O que a senhora deseja? – perguntou ele.

— Por favor, coloque vinte reais de gasolina – pediu Solange.

Enquanto abastecia o carro, o frentista notou que havia um homem deitado no banco traseiro. A principio, ele achou que fosse apenas o marido da mulher, mas notou que o homem usava uma mascara ninja.

Depois de abastecer, o frentista pegou o cartão de crédito de Solange, e foi até o escritório. Ele esperou alguns segundos, e depois gritou para ela:

— Senhora, venha até aqui, o seu cartão não está passando.

O frentista fez isso para que Solange saísse do carro, e para que ele pudesse alertá-la sobre o estranho em seu carro.

Mas Solange ficou com medo de sair do carro e ir até o escritório, pensou que o frentista iria abusar dela. Por causa disso, ela ligou o carro e foi embora.

O frentista anotou a placa do carro e ligou para a policia.

Os policiais encontraram o carro abandonado na beira da estrada. Havia sangue no banco e no pára-brisa. O corpo de Solange nunca foi encontrado.

Por julgar os outros pela aparência, Solange acabou sendo morta.

O monstro do diabete

Na escola onde Valéria dava aulas, havia uma cantina onde eram vendidos salgadinhos e refrigerantes. Muitas crianças deixavam de comer a merenda escolar para comprar na cantina. Isso era bom para a escola, pois ajudava a reforçar o orçamento.

Porém, a bruxa Valéria não achou aquilo nada bom para os alunos. Salgados e refrigerantes não eram uma refeição adequada para crianças em fase de crescimento.

Em vez de ir falar para a diretora fechar a cantina da escola, Valéria achou mais prudente convencer os alunos a não comprarem mais coisas na cantina, para tanto, ela criou uma lenda urbana.

Juquinha era filho de pais ricos. Tudo o que ele queria, seus pais davam, inclusive dinheiro para comprar coisas na cantina na escola.

Todos os dias, Juquinha ganhava cinco reais para comprar o que quisesse para comer – e Juquinha só comprava porcariada – balas, doces, salgados, refrigerantes... Tinha dia que ele comia até dois salgados.

Juquinha não podia ver, mas perto dele sempre havia uma bola azul do tamanho de um limão. Para onde ele ia, a bolinha ia atrás. E quanto mais Juquinha comia salgados e refrigerante, mais a bolinha azul crescia. E a bola foi criando braços, pernas, olhos e boca.

E o menino foi comendo e comendo salgados, bebendo refrigerantes, comendo salgados, bebendo refrigerantes, todos os dias, dia e noite, até que... Depois de comer três coxinhas, a bola azul... – AHHH! – transformou-se em um monstro horripilante.

Esse monstro seguiu Juquinha até a casa dele. Durante a noite, enquanto o menino dormia tranquilamente, o monstro pegou a perninha direita dele e... NHAC! – comeu.

Juquinha acordou assustado. O que tinha acontecido com sua perna? Seus pais levaram ele correndo para o hospital.

E o monstro seguiu Juquinha até o hospital. Ele estava deitado na cama, esperando para ser atendido, quando chega o monstro e tira seus dois olhos – por Deus, Juquinha ficou cego.

Volta e meia, o monstro volta para tirar alguma parte do corpo de Juquinha. Sabem como se chama este monstro?

DIABETE.

Sim, Diabete é um monstro que nasce sob a forma de uma inocente bola azul. Essa bola azul lhe acompanha enquanto você come salgados e bebe refrigerantes, e quanto mais você come, mais ela cresce... Cresce... Cresce... Até se tornar um monstro que vai corroer suas pernas, lhe deixar cego e acabar com a sua vida.

O menino e o médico

No dia primeiro de abril, as crianças estavam brincando de contar mentiras. Quando alguém acreditava na mentira contada, a criança logo debochava:

— Primeiro de abril!

Aproveitando o assunto, a bruxa Valéria decidiu contar a seus alunos a história do...

Era uma vez um garoto chamado Saulo. Ele não gostava de ir a escola.

Para não ir a escola, ele fingia de doente. Dizia que estava com dor de cabeça, que o corpo estava doendo, e forçava um choro para convencer sua mãe a deixá-lo ficar em casa.

Mas teve um dia que sua mãe não aceitou as desculpas de Saulo.

— Não quero saber se você está com dor de cabeça, você vai pra escola!

— Mãe, eu não estou me sentindo bem.

— Você está faltando demais, vou lhe dar um remédio.

Vendo que estava em um beco sem saída, Saulo apelou – caiu no chão e fingiu que desmaiou.

Assustada, a mãe ligou para o hospital. Logo chegou a ambulância.

— Ele desmaiou, doutor! – disse a mãe para o médico.

— Tudo bem, vamos levá-lo para o hospital.

— Eu vou junto.

— Não há necessidade, senhora! Pode ficar aqui, só me diga qual é o tipo sanguíneo do seu filho.

— O negativo.

— Fique despreocupada! Dentro de poucas horas iremos trazer seu filho de volta.

Colocaram Saulo na ambulância e foram embora. Dentro da ambulância, o médico amarrou o braço do menino, e depois pegou uma seringa de 1 litro.

O médico estava quase espetando o braço de Saulo, quando o menino perguntou, assustado:

— O que vai fazer?

— Ué! Você não estava desmaiado?

— Não, eu fingi que desmaie para matar aula.

— Hmmm... Que mentiroso!

— Desculpe, doutor! Eu prometo que nunca mais faço isso. Me leve para a casa, sim?

— Desculpe, garoto. Não vai dar. Sabe quanto eles pagam por litro de sangue no mercado negro? Dez mil reais. Eu só ia tirar um litro de seu sangue e depois levá-lo para o hospital, mas... Como você não está desmaiado de verdade, terei de tirar todo o seu sangue, e depois levá-lo para o necrotério. Pois garotos mortos não contam mentiras!

Contar a verdade não mata ninguém, mas mentir já é outra história.

Zumbi do celular

— Por que vocês não deixam os celulares de lado e vão brincar de alguma coisa? – perguntou Valéria, aproximando-se de um grupo de três amigos, que em vez de conversarem, estavam um sentado ao lado do outro mexendo em seus celulares.

E cada um respondeu a sua maneira:

— Estou conversando pelo whatsapp.

— Estou vendo vídeos.

— Estou jogando.

— Estou ouvindo música.

Valéria suspirou:

— Vocês sabem o que é zumbi?

E as crianças responderam:

— Sei, ontem mesmo eu assisti um filme de zumbis. Eles são pessoas que estão mais mortas do que vivas.

— Eu sempre assisto The Walking Dead.

— Zumbis gostam de comer os cérebros das pessoas. E quando um zumbi morde uma pessoa, ela se transforma em zumbi.

— É, crianças – foi falando a bruxa – um zumbi é uma pessoa, que apesar de andar, já não está mais viva. Ela apenas fica andando e procurando comida. Um zumbi não tem sentimentos, não tem emoções... Existe uma cidade perto daqui onde as pessoas se transformaram em zumbis, mas não nestes zumbis em que vemos nos filmes de terror, não! Eles se transformaram em outro tipo de zumbi.

As crianças pararam de mexer em seus celulares, e ficaram atentas na história de Valéria...

Todos os moradores de Jacutinga tinham celulares. E todos passavam o tempo mexendo em seus celulares. Onde quer que estivesse, um jacutinguense estava com o celular na mão – fosse na fila do banco, no ônibus, ou mesmo andando na rua.

Para conversar, eles usavam o whatsapp. Para passar o tempo, eles jogavam. Para namorar, eles usavam o Badoo. Para fazer amigos, o Facebook. Para se informar, o UOL.

Tudo o que eles precisavam estava no celular. Eles pediam comida pelo celular, paqueravam pelo celular, faziam amigos pelo celular, discutiam, conheciam pessoas novas, assistiam TV... Tudo, tudo, tudo no celular.

Jacutinga era uma cidade que ficava em uma ilha, e a única forma de chegar até ela era por uma ponte.

Teve uma vez que caiu uma forte chuva sobre Jacutinga, uma chuva que durou três dias. A chuva foi tão forte que derrubou a ponte, e as linhas de transmissões de energia.

Jacutinga ficou ilhada por cinco dias. Após cinco dias, os bombeiros chegaram até a cidade de barco. O que eles encontraram foi assustador.

Nenhum morador de Jacutinga falava, e nem parecia entender o que lhes eram dito. Eles andavam pela rua, trombando uns nos outros, sem dizer nada, apenas olhando para seus celulares. O bombeiro pegou um celular e viu que ele estava descarregado. Todos os celulares de Jacutinga estavam descarregados, pois não havia energia, e, mesmo assim, os jacutinguenses ainda seguravam os celulares em suas mãos.

Os jacutinguenses não falavam, não pensavam, não ouviam, não sentiam... Eles eram como zumbis!

Sabe por que isso aconteceu, crianças? Porque o celular estava segundo as emoções, os sentimentos e a vida dos jacutinguenses. As conversas entre amigos foram sugadas pelo celular; a diversão entre amigos foi sugada pelo celular; o compartilhamento de informações; a companhia da família; alegrias, tristezas, amizades... Tudo, tudo, tudinho, o celular tomou para si.

É bom usar o celular, mas se você usar ele o tempo todo e se esquecer do mundo a sua volta, pode se tornar um zumbi do celular.

O escorpião e o sapo

A diretora da escola, Lena, chamou Valéria em sua sala, e disse:

— Alguns pais de alunos seus vieram reclamar comigo que você fica contando história de terror durante a aula, isso é verdade?

— Sim, mas não histórias de terror. São lendas urbanas que eu uso para passar ensinamentos para as crianças. É como contar uma fábula, no final sempre tem uma moral.

— Interessante – respondeu Lena, com um sorriso falso – mas, convenhamos que histórias de terror, ou lendas urbanas, não são a maneira correta para ensinar os alunos.

— Por que não, diretora Lena?

— Educar pelo medo não funciona.

— Creio que ameaçar com castigo um aluno que faz bagunça também seja uma forma de educar pelo medo. O medo do castigo faz com que a criança não faça bagunça. É um método que funciona muito bem. Eu apenas tento usar o medo para passar outras lições, como não matar aulas, não responder para os pais, não ser egoísta, não dizer palavrões...

— Chegou ao meu conhecimento que você contou uma história sobre um monstro que se chama diabete.

— Verdade, contei essa história para que as crianças parassem de comer salgadinhos, e outras porcarias.

— Só que essas porcarias ajuda no caixa da escola. As vendas da cantina caíram drasticamente desde que esse boato do monstro do diabete começou a circular na escola.

— Que bom! Viu como o medo é bom? Elas estão com medo de que o monstro do diabete arranquem suas perninhas e as deixem cegas, o que não é uma mentira, já que eu tenho uma tia que ficou cega por causa do diabete.

— Infelizmente, Valéria, terei de demitir você.

— Por causa das minhas histórias?

— Não quero meus alunos sejam educados por uma bruxa...

Valéria arregalou os olhos, assustada.

— Sim, eu descobri que você é uma bruxa. Desde o primeiro dia, suspeite pelo fato de você só usar roupas pretas. Além do mais, esse colar com um pentagrama é meio esquisito.

— Não é porque eu me visto de preto que quer dizer que sou uma bruxa.

— Certo, não vou negar que sou uma bruxa, diretora Lena. Gostaria de pedir que a senhora não me demitisse por ser uma bruxa. As pessoas pensam que bruxas são do mal, mas não é bem assim. A maioria de nós quer fazer do mundo um lugar melhor.

— Vou lhe contar uma historinha: o escorpião e o sapo se encontraram às margens de um rio. O escorpião pediu ao sapo para atravessá-lo até a outra margem. O sapo negou, dizendo que o escorpião o picaria na travessia. Mas o escorpião argumentou que se picasse o sapo, os dois morreriam afogados. Com este argumento, o sapo concordou, e deixou que o escorpião subisse em suas costas. No meio da travessia, o escorpião picou o saco, condenando os dois a se afogarem no rio. Antes de morrer, o sapo pergunta, “escorpião, porque me picou? Agora nós dois vamos morrer,

pois você não sabe nadar”. E o escorpião respondeu, “Por que eu sou mal por natureza”.

— Qual a moral dessa história? – perguntou Valéria.

— A moral dessa história é que: mesmo se uma pessoa má tenta ser boa, em algum momento ela vai revelar a sua verdadeira natureza.

E Valéria foi demitida da escola.

Table of Contents

A loira do banheiro
Maria Sangrenta
Corpo-seco
O velho do saco
O chupa-cabra
O monstro do guarda-roupa
A passageira do táxi
A maldição do vídeo-game
O espírito da babá
A mulher da tesoura
A boneca enfeitiçada
O menino verde
O bicho papão
O jogo do compasso
O roubo do rim
Correndo com a faca
O assassino no banco detrás
O monstro do diabete
O menino e o médico
Zumbi do celular
O escorpião e o sapo